



A JOVEN BERNARDA

FRAGMENTO DE UMA HISTORIA DO SE-
CULO XII.



orria a cavallo e a gallope, o anno de 1851! o mez de Julho estava de botas e esporas, escarranchado no pescoço de todos os homens, mulheres, rapazes, raparigas, gatos, kágados, andorinhas, lagostas, bichos de conta, elephantes,

donninhas, grillos, rhinocerontes, percevejos, em fim, sobre todos que comem e bebem (quando o tem) e tudo que possui extensão, duração e peso.

O dia 14 fazia a mesma cousa, porém incommodava menos, porque o 15 estava atraz da porta para entrar quando elle sabbisse. Isto não póde negar José Cabral, e a Lei, por que se o negar, dizemos-lhe logo — mente — (cousa que elles nunca fizeram!)

José é um homem, ou o quer que seja, d'estatura natural, e em tudo semelhante e parecido a qualquer uma outra cousa como elle (menos sendo conego).

Bernarda é uma velha espertinha, risozinha e feia, mas que só se assemelha a outra qualquer que tenha o mesmo nome, e que seja filha de Acheronte, e a noite.

José, [a quem a sede devora, estava dentro de um poço, por que na verdade o calor é immenso, e só alli se está fresco e se póde matar parte da sede.

Bernarda estava da vida gozando o dôce fructo, em sua casa assando uns carapaus para o jantar. Até aqui vai a cousa bem, porque a carta velha concede ao cidadão o direito de estar em quantos poços quizer, e ás cidadãs comer não só carapaus, mas até petinga, e o mais que quizerem.

José como tem um genio romantico e amoroso, concebeu a idéa de ter em seus braços a adorada Bernarda; mas como obte-la? Com promessa de casamento? E' inutil, já é viuva 86 vezes! Com expressões ternas? E' insensivel! Com que hade ser? Com libras, soldos e dinheiros; bella idéa! Immediatamente se pozeram em movimento todos os telegraphos do universo, aguadeiros com recados, vapôres, correios a procurar a Bernarda. Effectivamente apparece, e vai ao poço saber o motivo de tanto trabalho e pesquisa. José estava como em um lethargo, e ao acordar vê a Bernarda! Oh! filha das minhas entranhas, vem a meus braços, que eu te dou castanhas! Castanhas! diz a Bernarda? Castanhas, sim, lhe diz José,

e então é mau castanhas? (Vai para a abraçar). Então que é isto, sr. José!!!

Atrede os chispes! Que insolencia é esta! Sim, minha querida; o meu coração é todo teu, alma e vida eu te offerço! Quero possuir-te, ainda mesmo que para isso seja preciso sahir do poço e entrar na cisterna! Quero que seja *minha*, e *minha* para sempre. Quero ter o gosto de te chamar a MINHA BERNARDA!!! (Ri, chora e lambe-se).

Mas, sr., para que são estas cousas? estaes louco, sr. José? Estou! . . . Estou! . . . Estou. (Corre a abraçar a Bernarda. . . .)

Bernarda. — Senhor! Olhe que o velho se sabe d'isto mata-me.

José. — O velho! Pois é para fazer pirraça ao velho que eu quero que sejas *minha*.

Bernarda. — Faça alto e responda-me. O que me dá para eu ser sua?

José. — Dou-te o meu coração, a minha amizade, a minha alma, a minha vida, os meus oculos, e todas as minhas piugas!! Achas pouco?

Bernarda. — Para que quero eu a tua alma, se ella é de chixarro! a tua vida, se ella é uma vida assim de cão! o teu coração, se com 80 rs. tenho eu um de vaca, que posso guizar, e fazer com batatas! as tuas piugas não me servem, por que apesar de serem cheias de pontos, tenho meias que me cheguem, e quanto aos oculos não me servem por que vejo ainda mais que devia vêr; por consequencia nada do que me offereces me serve. Se não tens outra cousa, então boas tardes, até outro dia; (vai para sahir). José agarra-a por um braço, Então queres peças, libras, cordas, mexicanas, pintos, e vintens?

Bernarda. — Sim, quero, mas não de ser com profusão.

José. — Sim, aqui estão estes sacos ás tuas ordens, isto é só para os teus alfinetes, com elles pódes comprar bonitos, SOLDADINHOS para brincar, vestidos, visites, etc. etc., e o mais que me resta tambem será teu; e agora?

Bernarda. — Sou tua!!

José. — E's *minha*?! A Bernarda é *minha*!! Vem a meus braços, caro encanto, escangalha-me os oculos, dá-me beliscões no nariz, cata-me aqui na *cova do ladrão*, magnetisa-me, e sejamos ditosos!! Desmaiam de prazer, e assim estão 3 horas, 22 minutos, 4 segundos, e 3 quartos, e depois acordam, esfregam os olhos, e juram fraternidade desta maneira:

José. — Juro que heide dar por ti até á ultima pinga de chocolate, e viver sempre junto á minha cara Bernarda, e dar para ella todos os *pintos* que me pedirem.

Bernarda. — Juro pertencer de facto e de direito a José, engommar-lhe as cami-

zas, engraxar-lhe as botas, e pergarr-lhe os botões no colete; e em fim *trabalhar* quanto me fôr possivel para a sua felicidade e augmento, e até se me deixarem fazer *pastas* nas horas vagas, para com o lucro d'ellas ajudar a casa!

José. — Sou ditoso! toma lá isto, é para ti (vai buscar 75434 sacos cheios de dinheiro, e começa a despejar nos sacos com que ella para esse fim já se tinha prevenido).

Assim se consumaram os laços d'amizade entre José e a Bernarda.

Sejam felizes.



O Braz Xarope anda atonito por não vêr os espingardeiros, isto é signal de revolta demagogica. E' facto, por que querendo os Redactores do Burlesco ir á caça um destes dias, e tendo as espingardas precisão de serem concertadas, não nos foi

possivel encontrar em Lisboa um espingardeiro. Voaram todos, mas até hoje não sabemos para onde.

Os espingardeiros foram desde o tempo dos cruzados os primeiros revolucionarios, e ainda hoje são o mesmo. Os espingardeiros é que trouxeram em 27 de Janeiro de 1842 o conde de Thomar para o ministério, e são agora os espingardeiros que querem derrubar o throno e as instituições. Matem se, esfolem-se, e frijam-se com ovos todos os espingardeiros, e a patria será salva. Morram os espingardeiros. . . vivam as espingardas.

NOTICIAS DA SEMANA.



Domingo. — Levantou-se a Bernarda, lavou os pés, cortou os callos, penteou-se, almoçou, jantou, foi ao Jardim Mythologico, ceou no Matta, e recolheu-se á 1 hora da noite.

Segunda feira. — Acordou ás 2 horas da noite, tomou uma gemada, rezou ao anjo da guarda, e principiou a dar cambalhotas, escorregou, deu com o nariz no chão, e foi-se deitar um pouco incommodada.

Terça feira. — Chamou o facultativo, receitou-lhe banhos de agua do poço, achou allivios, está melhor, mas ainda não sahio.

Quarta feira. — Sentou-se na cama, desejou miolos de vaca para o almoço, vieram cosinheiros de *Collares* para fazerem o pitéo, enjouou-se, lançou fora, os cosinheiros zangados despediram-se, de tarde esteve melhor, leu o *Burlesco*, e passou perfeitamente a noite.

Quinta feira. — Levantou-se cedo, almoçou papas de milho, fômou 3 charutos janotas, penteou-se á *Stoltz*, jantou as noticias de hoje, amou se, e ficou de bocca aberta e beico cahido a apanhar gafanhotos.

Sexta feira. — Esteve louca esperando cartas do correio, vieram-lhe batatas para vender por sua conta. Sonhou bastante toda a noite, e fallou em esperanças....

Sabbado, hoje. — Está na rua da *Esperança*, vestida de verde, que é esperança, e espera, que = *Quem porfia sempre alcança*.



Um individuo muito curioso agarrou um dia um PRETO, e em uma balança pô-lo de um lado, e do outro o vinho que se julga, pouco mais ou menos, que elle poderá ter bebido desde pequeno.

Em resultado desta especulação soube-se que pesava o vinho mais do que elle 1,248 quintaes, 3 arrobas, e um MARCOS. Ora, se além disso lhe tivessem extrahido todo o

sarro que elle tem nas tripas, ainda o peso do vinho era muito superior.



José dos donegos fallou ha diae em um côxo seu conhecido, que limpava religio. Como não disse o nome, perguntamos ao José se elle se chama *Agostinho*?

Editor — Manoel de Jesus Coelho

Typ. de Manoel de Jesus Coelho

Rua do Poço dos Negros n.º 54.



Lith. R. da Esperança N.º 60

O CONSELHEIRO.....da BERNARDA